

# **Implementando as políticas de ações afirmativas no Espaço Evangélico: o início de um diálogo**

Cláudia Sales de Alcântara\*

## **Introdução**

Ainda que a ideia de uma democracia racial seja um sonho não concretizado, atualmente, dentro de uma construção democrática das relações políticas e sociais, a nação brasileira está implementando políticas de ações afirmativas que possuem o objetivo de reparar ou minimizar os danos historicamente causados aos afrodescendentes brasileiros, compensando-os no presente, pelos obstáculos que enfrentaram (e enfrentam), por motivo da discriminação e marginalização a que foram submetidos no passado.

A expressão “ação afirmativa” foi utilizada pela primeira vez em 1961, numa Ordem Executiva do Presidente norte-americano John Kennedy, ao se referir a necessidade de promover a igualdade entre negros e brancos nos Estados Unidos. Embora este seja um termo norte-americano, está subjacente em muitas práticas implementadas em sociedades tão diferentes quanto a Índia, Malásia, Nigéria, China, as antigas Iugoslávia e União Soviética, a Nova África do Sul, a Colômbia, a Alemanha e outros países europeus.

Ações Afirmativas são, portanto, uma série de medidas especiais e temporárias, tomadas ou determinadas pelo Estado, espontânea ou compulsoriamente, que têm como objetivo eliminar desigualdades historicamente acumuladas, garantindo a igualdade de oportunidade e tratamento, bem como de compensar perdas provocadas pela discriminação e marginalização, decorrentes de motivos raciais.

Em virtude da triste realidade vivida pela comunidade negra no Brasil, fica evidenciado que democracia e crescimento econômico são importantes, mas respeito cultural é fundamental; respeito este entendido no contexto mais amplo possível da construção humana, inclusive no tocante às especificidades religiosas.

---

\* Mestre em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará. Atualmente é doutoranda em Educação pela mesma universidade e bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq.

As igrejas de tradição protestante evangélica, tanto históricas quanto pentecostais, contribuíram para que a situação de discriminação e marginalização dos negros no Brasil fosse por tanto tempo perpetuada. Esta é uma dívida que temos que tentar contornar. Daí a ideia de propor ações afirmativas no ambiente religioso evangélico, com o intuito de fazer valer o respeito cultural tão fundamental para a construção de uma sociedade igualitária, livre e democrática.

## A Inculturação

Inculturação é algo que sempre existiu na tradição bíblico-cristã, que nos nossos dias tem se tornado um dos temas centrais no contexto da renovação teológica, isso porque o cristianismo distanciou-se das realidades concretas da vida, tornando-se uma religião, ao mesmo tempo, anacrônica em relação à modernidade, e não respeitadora das múltiplas culturas existentes.

De maneira elementar, refere-se a um método de acrescentar à sua cultura, aspectos culturais de um determinado povo, resgatando e acatando os elementos próprios da cultura, a fim de favorecer o surgimento, de seu próprio interior, de “expressões originais” da experiência cristã.

A partir da XXXII Congregação Geral da Companhia de Jesus, ocorrida nos anos de 1974-1975, o termo inculturação começou a fazer parte do repertório usual da teologia e da pastoral. Uma referência importante foi a carta do então Superior Geral dos jesuítas, Pedro Arrupe, sobre a inculturação:

A inculturação é a encarnação da vida e da mensagem cristãs em uma área cultural concreta, de modo que não somente esta experiência se exprima com os elementos próprios da cultura em questão (o que ainda não seria senão uma adaptação), mas que esta mesma experiência se transforme em um princípio de inspiração, a um tempo norma e força de unificação, que transforma e recria esta cultura, encontrando-se assim na origem de uma “nova criação”.<sup>1</sup>

Percebemos, hoje, que cada sistema cultural possui sua própria lógica, própria dinâmica que devem ser levadas em consideração, como explica Mário de França Miranda,

Toda cultura é uma totalidade sensata, mas não uma grandeza fechada e intocável. A mudança de contexto com seus desafios ou o contato com outras culturas podem levá-la a transformações, acarretando aprofundamento ou enriquecimento de suas características próprias.<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> ARRUPE, Pedro. *Ecrits pour évangéliser*. Paris, França: DDB, 1985. p. 169-170.

<sup>2</sup> MIRANDA, Mário de França. Inculturação da fé e sincretismo religioso. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, v. 60, fasc. 238, 2000. p. 286.

Sendo assim, a inculturação é algo necessário se quisermos que a nossa evangelização continue a ser um acontecimento de Boas Novas, e não um escândalo, ou ainda um veículo cultural estranho. McLaren comenta:

[...] Falar sobre coisas diferentes não é contradizer um ao outro; é ter muito a oferecer um ao outro, pelo menos eventualmente.

Se como cristão devo amar meu próximo como a mim mesmo e tratar meu semelhante como gostaria de ser tratado, então, sem dúvida, uma de minhas tarefas em relação ao meu próximo de outra religião é valorizar tudo que é bom naquilo que ele me oferece como fruto de nossa proximidade – incluindo a oportunidade de aprender tudo o que eu puder sobre a sua religião. Outra tarefa é oferecer tudo o que eu tenho e que poderia ser de valor para ele – incluindo a oportunidade de aprender com a minha religião se ele puder. Isso não significa comprometer a minha fé ou a dele; trata-se de uma prática que ela mesma exige.<sup>3</sup>

No mesmo sentido, compreendemos que há a necessidade de diálogo inter-religioso; e mais, uma atitude atenciosa de escuta precisa ser cultivada, para que haja uma aprendizagem significativa, buscando vivenciar “tudo o que for verdadeiro, tudo o que for nobre, tudo o que for correto, tudo o que for puro, tudo o que for amável, tudo o que for de boa fama, se houver algo de excelente ou digno de louvor”<sup>4</sup>, mesmo em outras religiões, deverá fazer parte de nossa realidade. Para esta compreensão, Manzatto explica:

Isso significa também que o cristianismo ainda não desenvolveu todas as suas potencialidades históricas; nesse diálogo com a realidade, com as culturas e com as outras religiões, ele pode descobrir potencialidades suas que, até então, não haviam sido colocadas em evidência.<sup>5</sup>

Complementando esta ideia, do respeito às religiões, Vivekananda ressalta:

Não acredito que elas sejam contraditórias, pelo contrário, são complementares. Cada religião, assim como se apresenta, assume uma grande parte da grande verdade universal, e investe todas as suas energias para indicar e realizar num tipo específico, uma determinada parte da grande verdade. Portanto, trata-se de um acréscimo, não de uma exclusão, Esta é a idéia.<sup>6</sup>

Existem três áreas principais, desde o Concílio Vaticano II, no decreto sobre ecumenismo, onde devemos fazer esforços significativos para que a inculturação seja uma realidade: a liturgia, a espiritualidade e a reflexão teológica.

<sup>3</sup> MCLAREN, 2007B, p. 282-283.

<sup>4</sup> Filipenses 4: 8 (Nova Versão Internacional).

<sup>5</sup> MANZATTO, Antonio. *Teologia e literatura: reflexão teológica a partir da antropologia contida nos romances de Jorge Amado*. São Paulo: Loyola, 1994. p. 299.

<sup>6</sup> VIVEKANANDA apud BELLO, Angela Ales. *Cultura e religiões: uma leitura fenomenológica*. Bauru: EDUSC, 1998. p.176.

Contudo, o medo do sincretismo religioso tem dificultado progressos mais significativos nessas áreas, principalmente quando nos referimos a inculturação da cultura afrodescendente.

Então, compreendemos que, mesmo havendo riscos nesse processo dialógico com outras culturas, ao que se refere à questão do sincretismo, principalmente, se este torna-se possibilidade de perda da identidade cristã, não devemos hesitar e recolhermo-nos na presunção de vivermos uma “pureza cultural”, inexistente, em virtude do próprio caráter dinâmico e vivo da cultura, sempre em mutação e evolução; ainda mais se considerarmos a natureza comunitária do ser humano e, por consequência, das culturas, pois interpenetram-se e relacionam-se constantemente. Sobre esse aspecto, Manzatto nos convida à atitude de “desprivatizar a fé”, para fazer valer o autêntico testemunho cristão:

A comunidade que crê é, ela também, convidada a ultrapassar os limites de um possível “individualismo coletivo”, no qual a comunidade fecha-se sobre si mesma, sobre sua vida e seus problemas, a fim de alcançar dimensões sociais no seu testemunho de fé e amor.<sup>7</sup>

Gandhi também esclarece este aspecto quando nos chama a atenção para entendermos melhor a relação entre as religiões, fazendo-nos um convite à tolerância:

Como uma árvore tem somente um tronco, mas muitos ramos e folhas, assim há uma só Religião verdadeira e perfeita, mas ela se transforma em muitas quando passa através do homem [...]. O verdadeiro conhecimento da religião destrói qualquer barreira entre religião e religião.<sup>8</sup>

É ilusório, então, pensarmos que existe uma identidade cristã “intocavelmente pura”, tentando nos resguardar por meio de atitudes reacionárias, posturas intolerantes, interpretações bíblicas anacrônicas e fundamentalistas, ou mesmo por uma santidade bairrista; pois, como evidencia Manzatto sobre a identidade cristã,

Ela constitui-se e caracteriza-se sempre a partir da história e, dessa forma, sempre sincretizada. Não existe uma identidade cristã que venha pronta das mãos de Deus. Por isso, torna-se difícil falar dessa identidade cristã prescindindo de suas concretizações e objetivações históricas estabelecidas nos parâmetros da cultura ocidental.<sup>9</sup>

Ao invés de termos medo, devemos seguir o modelo da encarnação de Cristo, que não hesitou fazer-se homem entre os homens, como expressa Filipenses 2: 5-8, mesmo tendo que enfrentar o “fracasso” da cruz. A encarnação é

---

<sup>7</sup> MANZATTO, 1994, p. 275.

<sup>8</sup> GANDHI apud BELLO, 1998, p. 176.

<sup>9</sup> MANZATTO, 1994, p. 285.

para nós a garantia da companhia divina e de sua presença até mesmo em meio aos iminentes fracassos da vida.

Portanto, inculturação não é adaptação, ou seja, está muito além de uma tradução da Bíblia de uma língua para outra. É uma reinterpretação dos conteúdos bíblicos, é um desafio que nos convida a estarmos abertos a novos e inusitados dinamismos hermenêuticos. Não é o engessamento da mensagem bíblica, através de tempos e épocas, culturas e costumes sem que haja permissão ao diálogo, da essência do conteúdo bíblico com a cultura a que se propõe o contato, sob pena de negar esta essência. Até pela razão inquestionável do aspecto encarnacional do evangelho, considerando que somos todos recipientes da mesma misericórdia, compartilhando do mesmo mistério. Logo, no campo da reflexão sobre inculturação, a grande proposta está na prática do diálogo entre as diversas religiões. Como adverte McLaren, a fim de evitarmos uma postura errada para com outra religião, “Nossa identidade cristã não deve nos deixar com medo, superiores, isolados, na defensiva, agressivos ou hostis às pessoas de outras religiões. Bem ao contrário”.<sup>10</sup> Significa cultivarmos um diálogo que se traduz em reciprocidade, igualdade de condições e de dignidade de parceiros. Como ele bem expressa,

Como um cristão generosamente ortodoxo, considero-me, não *acima* de budistas, muçulmanos e outros [e porque não as expressões religiosas afro-brasileiras?!], mas *abaixo* deles, como um servo. Melhor ainda, considero-me *com* eles, como um próximo e um irmão. E estou aqui para amá-los, procurar compreendê-los e compartilhar com eles tudo de valor que encontrei ou recebi e que eles gostariam de receber também. Estou aqui para receber o dom deles para mim com igual alegria – desfrutar da vida no mundo de Deus com eles, rir, comer e trabalhar com eles, brincarmos uns com as crianças dos outros, segurar nos braços os bebês um do outro, dançar na festa de casamento um do outro e provar da hospitalidade um do outro. [...] No processo de nossa conversa contínua, espero que ambos, eles e eu, nos tornemos pessoas melhores, transformadas pelo Espírito de Deus, mais agradáveis a Deus, mais bênção para o mundo, para que o reino de Deus (que eu busco, mas não posso manipular) se estabeleça na terra assim como está estabelecido no céu.<sup>11</sup>

## O corpo

Nossa teologia evangélica, influenciada pela filosofia grega, é uma teologia de negação do corpo. Atribuímos ao corpo tudo o que é mal – o pecado, as paixões ao que é material, o mundo, entre outros – enquanto atribuímos ao espírito aquilo que é bom – a santidade, o amor às coisas de Deus, o Reino celestial, entre outros – é como se o corpo fosse a prisão do espírito e ansiássemos o quanto antes a redenção de Deus.

<sup>10</sup> MCLAREN, 2007B, p. 276.

<sup>11</sup> MCLAREN, 2007B, p. 290- 291.

Esquecemos, contudo, que Deus nos criou conforme sua imagem e semelhança: corpo e espírito vivente; e mais, esquecemos que esse próprio Deus se fez carne, ou ainda, corpo, e habitou entre nós e vimos a sua glória, como a glória que ele tem junto ao Pai;<sup>12</sup> esquecemos que esse Deus Corpo ressuscitou não só no espírito, mas também na Sua carne (corpo) e que esse Deus nos dará ainda um outro corpo, corpo este mais excelente do que o que Ele próprio nos deu, como os pais da igreja declararam no Credo Apostólico, “creio na ressurreição do corpo e na vida eterna”. Sobre isso, Jürgen Moltmann, o teólogo da esperança, nos diz:

“Todas as obras de Deus terminam na corporeidade” dizia Friedrich Oetinger, e eu acrescento: nesta terra. Deus formou as pessoas a partir da terra; nós somos criaturas da terra. A palavra de Deus se tornou “carne”; Cristo morou corporalmente entre nós; o Espírito de Deus é derramado sobre “toda carne”. [...] Com corpo vivo e vivido não designamos o corpo sem alma como um objeto, órgãos cientificamente objetivados e seu tratamento medicinal, mas o corpo experimentado e vivido, com o qual eu sou subjetivamente idêntico: eu sou corpo – este corpo sou eu, isso é minha constituição corporal e minha história de vida. Vida neste sentido significa a vida vivida, não a não-vivida; a vida afirmada, não a vida negada; significa a vida amada e aceita. Vida verdadeira é a corporeidade que eu sou: vida não vivida é a corporeidade alienada que eu tenho. [...] Segundo a história da criação, nós temos que aceitar plenamente a imagem e semelhança divinas em termos masculinos e femininos, em toda a sua corporeidade, e nos alegrar com o Deus vivo como corpo e alma (Sl 84:3).<sup>13</sup>

Nesse sentido, temos muito a aprender com a cultura negra. Ao invés de pensarmos uma teologia e, por consequência uma liturgia, apenas para o espírito, relegando o corpo (até mesmo a questão da sexualidade), ou mesmo deixando de cuidá-lo como templo de manifestação da graça divina, precisamos, urgentemente, elaborar e vivenciar uma espiritualidade corporificada que enalteça a Deus.

Para a religiosidade negra, o corpo em si já é sagrado; é comum observarmos o uso do corpo nas festas religiosas; as danças são um meio para celebrar aos orixás. O uso do corpo sem culpa, sem vergonha, percebendo que o corpo é também instrumento para adorar ao Criador.

A valorização da corporeidade humana é assumida de forma marcante por Jesus, desde a sua encarnação; as curas corporais que realizava e, até mesmo após a morte, em sua ressurreição, através da qual o corpo humano é glorificado, mas continua sendo corpo humano. A partir disso, devemos, junto à valorização do corpo, promover a redenção de toda “a tessitura dos viventes e do espaço vital da

---

<sup>12</sup> João 1: 14 (Bíblia de Jerusalém).

<sup>13</sup> MOLTSMANN, Jürgen. *Vida Esperança e Justiça: um testamento teológico para a América Latina*. São Bernardo do Campo: EDITEO, 2008. p.66-67.

terra”;<sup>14</sup> ou seja, precisamos desenvolver “uma nova espiritualidade do corpo e dos sentidos”, genuínas atitudes de valorização do corpo, da terra e da natureza, pois todos entrelaçam-se e dependem um do outro. Não é possível ter felicidade se evitarmos questões tão essenciais.

## A linguagem

Desde a chegada dos primeiros protestantes até os dias de hoje, a linguagem tem sido um problema para alcançar o negro no Brasil. Primeiro foi a questão da língua propriamente dita, que fez com que a pregação ficasse limitada ao estrangeiro, como diz Oliveira:

Quando chegou ao Brasil, não sabia falar português, e isso lhe criou muitas dificuldades em seu objetivo de atingir os brasileiros com a mensagem, já no início de seu trabalho missionário. Assim, limitou-se a pregar aos ingleses, mas sem deixar de enfrentar alguns transtornos para a realização dos cultos.<sup>15</sup>

Mesmo antes, o catolicismo romano, com suas idiossincrasias europeias, não comunicava sua espiritualidade numa linguagem que fosse compreendida pelos negros. Conforme a revista *Aventuras na História*, ao abordar a questão da escravidão, em específico os hábitos religiosos cotidianos entre senhores e escravos na Casa-grande, “na sala as orações eram feitas em latim. Os africanos reinterpretavam: *Resurrexit sicut dixit* (‘ressuscitou, como havia dito’) virou, na prática, ‘reco-reco, Chico disse’”.<sup>16</sup>

Depois, a linguagem que as igrejas históricas adotaram atendia as classes média e alta, não atingindo as camadas mais populares da sociedade – nas quais o negro sempre esteve significativamente presente. Oliveira, ainda acrescenta a este respeito:

Percebe-se que até os dias de hoje as igrejas históricas encontram alguma dificuldade para atingir os negros brasileiros. [...] A linguagem das igrejas históricas, de modo geral, não atinge de forma tão eficaz os excluídos e mais pobres da sociedade brasileira, propondo-se, hoje em dia, a ser mais atrativa para pessoas de classe média e alta.<sup>17</sup>

E, por fim, mesmo o pentecostalismo com toda sua linguagem rudimentar, e, por vezes, simplória, também não foi um movimento que incorporou o negro, pois com o seu discurso escatológico, longe da realidade e problemas do mundo, não construiu uma linguagem de aproximação com a cultura afrodescendente.

<sup>14</sup> MOLTSMANN, 2008, p. 66.

<sup>15</sup> OLIVEIRA, Marco Davi de. *A religião mais negra do Brasil*. São Paulo: Mundo Cristão, 2004. p. 56.

<sup>16</sup> REVISTA AVENTURAS NA HISTÓRIA. *Povo marcado*. São Paulo: Abril, n. 70, maio 2009. p. 32.

<sup>17</sup> OLIVEIRA, 2004, p. 57.

Portanto, uma linguagem que acolha a negritude tem que se aproximar mais da realidade vivida por eles – realidade esta das periferias e favelas; não estamos falando aqui de uma linguagem descuidada, mas popular e que seja cheia de amor, como expressão do evangelho de Cristo. Uma linguagem que revela a presença de Deus junto ao negro mais por atos que por palavras. O que conta aqui são as atitudes, porque são elas que, de fato, forjam a identidade e o ser do homem.

Em muitas situações percebemos o envolvimento de Jesus em prol da vida humana, sobretudo em condições ameaçadoras, seja pela fome, por doenças, pela pobreza ou pela discriminação. Essa linguagem das boas novas chega às pessoas em forma de ação, e revela a intensidade do seu engajamento na luta e na promoção da vida; além do que, tamanho engajamento assume características de culto e de louvor a Deus.

### **A música**

A musicalidade é uma das características mais marcantes dos afrodescendentes. A música os remete, ou ainda, traduz um pouco de sua ancestralidade. No Brasil colonial, nas senzalas, quando anoitecia, o som dos tambores e tamborins preenchia o espaço. Os senhores de engenho permitiam essas manifestações, pois acreditavam que isso diminuiria as chances de revolta; mal sabiam que era aos sons dos tambores que os negros escravizados reafirmavam sua identidade, compartilhavam suas dores, lembravam da força de seus ancestrais – reis e rainhas – e cantavam a esperança da libertação. Clara Nunes comunica muito bem essa realidade quando interpretou a música *Canto das três raças*, que conta a história dos negros brasileiros, do período escravocrata até os dias de hoje:

Ninguém ouviu  
Um soluçar de dor  
No canto do Brasil  
Um lamento triste  
Sempre ecoou  
Desde que o índio guerreiro  
Foi pro cativo  
E de lá cantou  
Negro entoou  
Um canto de revolta pelos ares  
No Quilombo dos Palmares  
Onde se refugiou  
Fora a luta dos Inconfidentes  
Pela quebra das correntes  
Nada adiantou  
E de guerra em paz  
De paz em guerra  
Todo o povo dessa terra  
Quando pode cantar  
Canta de dor

E ecoa noite e dia  
 É ensurdecador  
 Ai, mas que agonia  
 O canto do trabalhador  
 Esse canto que devia  
 Ser um canto de alegria  
 Soa apenas  
 Como um soluçar de dor

A música de matriz africana foi, durante muito tempo (e ainda é em alguns espaços), marginalizada entre os evangélicos brasileiros, ao assumirem uma reação contrária quanto à utilização de instrumentos característicos da cultura negra como, por exemplo, o pandeiro, o chocalho, o atabaque, entre outros. Silva, em sua argumentação intolerante, protagoniza esta atitude reacionária servindo-nos de modelo, quando em tom quase que exortativo adverte:

Música do templo e igreja é sacra, é louvor espiritual com harpas e saltérios, não acompanhada de palmas danças coreografia expressão corporal, instrumentos de percussão adufes tamborins tambores bateria, ritmos gospel como rock [...] Você já notou que foi quem gostava de tambor e de saxofones quem se rebelou contra Deus? Notou como isto vem se repetindo nas igrejas de hoje, onde são os amantes daqueles instrumentos (quer ao vivo quer disfarçadinhos dentro de aparelhos eletrônicos de som) que se rebelam contra os pastores "quadrados e velhos"? Já notou os líderes de bandas e de conjuntos querendo dobrar o pastor, ou tomar-lhe o lugar? Querendo dividir o povo de Deus? Querendo rachar, dividir e tomar a igreja, ou querendo criar sua própria igreja? Eu nunca vi os tocadores de harpa e de pianos se rebelarem assim, mas este filme de bandinha e conjuntinho avançadinho rebelar-se e seduzir parte da igreja, de aos poucos introduzir a renovação musical, porta aberta para a pentecostal (...) os profetas de Baal caracterizavam-se por percussão e danças nos seus cultos (1 Rs 18:26); os adoradores do bezerro de ouro também (Ex 32:19); todas as religiões animistas africanas (inclusive dos canibais) batem ritmadas palmas e instrumentos de percussão e dançam nos seus cultos; os cultos das religiões afro-brasileiras (xangô, umbanda, quimbanda, candomblé, catimbó, etc.), das religiões afro-americanas (vodu haitiano) e dos índios (inclusive canibais) também se caracterizam fortemente por instrumentos de percussão, por palmas e por danças; e assim por diante, até os modernos satanistas com seus sacrifícios humanos.<sup>18</sup>

Contudo, nos Estados Unidos, aconteceu algo que vale a pena registrar: o surgimento da música *gospel*, tendo como figura importante o negro norte-americano Thomas A. Dorsey, considerado por muitos o pai deste novo estilo musical. Embora entendamos atualmente que o *gospel* seja um conceito muito

<sup>18</sup> SILVA, Hélio de M. *Eze 28:13 não justifica tambores na Igreja Neo-Testamentária*. Disponível em: <<http://solascriptura-tt.org/LiturgiaMusicaLouvorCulto/Eze28.13NaoJustificaTamboresESaxJazzNaIgreja-Helio.htm>>. Acesso em: 15 maio 2009. p.1

abrangente e que expressa um ecletismo sonoro surpreendente, possui sua raiz na música cristã negra dos Estados Unidos.

As canções dos “Negros Espirituais”<sup>19</sup> (*Spirituals*) marcaram a história da música cristã inspirando desde corais até artistas do mercado fonográfico. Estas canções eram criadas de modo espontâneo pelos escravos como fuga de suas angústias e expectativa de uma vida melhor após a morte. Latorre explica esta musicalidade:

Quanto mais catequizados eles eram, mais religiosa eram suas músicas. As “canções de trabalho” originaram os *Spirituals*. Tinham o mesmo aspecto, porém com conteúdo bíblico. As mensagens Cristãs assim como passagens da Bíblia mostravam grande semelhança com a vida dos escravos. Eles se identificavam com passagens como a de Moisés e o povo de Israel. Assim como outros ensinamentos da Bíblia, a libertação do Povo para a terra prometida por Deus inspirava os escravos e suas canções. [...] Por um longo período os *Spirituals* foram considerados pelos brancos como “Inúteis canções de Negros”. A cultura Afro-Americana tinha pouca atenção. Com a abolição da escravatura em 1865, os negros tiveram melhores condições para praticar suas religiões e conseqüentemente sua música.<sup>20</sup>

Embora, no início, as igrejas não gostassem desse estilo, achando-o inapropriado para ser escutado no templo, logo se difundiu nas igrejas negras do sul dos Estados Unidos, cujas celebrações, marcadas pelas palmas, corais e pianos, era muito diferente das igrejas católicas de membresia branca.

No Brasil, todavia, o *gospel* se distancia do seu sentido original, vinculado ao legado histórico negro, passando a significar de modo genérico a toda expressão musical da fé evangélica, que vai desde o rock, ao forró, das músicas internacionais norte americanas às músicas produzidas em solo nacional. É um estilo musical restrito ao cenário evangélico, com pouquíssimos artistas que se projetam para fora deste cenário. Pinheiro explica que música *gospel*, “segundo artistas e consumidores, é aquela através da qual as mensagens evangelísticas e a esperança em Jesus são divulgadas. Nesse contexto, Deus é percebido como o maestro do coro de anjos, portanto todos os ritmos pertencem a Ele”.<sup>21</sup>

É interessante saber, que o *gospel* ressurgiu mercadologicamente no cenário nacional na década de 1980, quase que vinculado ao surgimento das primeiras

<sup>19</sup> Estilo musical negro que influenciou o *gospel*.

<sup>20</sup> LATORRE, Daniel. História da Música Gospel. *Palco Gospel*, ano 1, n.5, 2005. Disponível em: <<http://www.hammond.com.br/latorre/artigos/gospel/gospel.htm>>. Acesso em: 15 maio 2009. p.1.

<sup>21</sup> PINHEIRO, Marcia Leitão. O proselitismo evangélico: musicalidade e imagem. In: VIII JORNADAS SOBRE ALTERNATIVAS RELIGIOSAS NA AMÉRICA LATINA. São Paulo, 1998. p. 4.

gravadoras evangélicas difusoras deste estilo no país. Pinheiro explica de modo mais detalhado este período:

No Brasil a *música gospel* é algo recente. Seu início foi com o grupo *Vencedores por Cristo*, em 1968. Em fins dos anos 70, veio o *Grupo Rebanhão* que tocava *rock*, fazendo uma versão próxima aos ritmos populares como, por exemplo, o forró e o baião. Depois surgiu o *Grupo Cathedral* com um *rock* similar, em termos de composição e de técnica, aos grupos de *rock* nacional. No entanto, as iniciativas eram tímidas. Em fins dos anos 80 outros gêneros musicais passaram incrementar essa musicalidade. Também, tornou-se perceptível a atividade de empresários e de igrejas na produção e no consumo da música evangélica.<sup>22</sup>

Seguindo esta compreensão, percebemos que o *gospel*, atualmente, pouco fala aos afrodescendentes, pois não comunica sua ancestralidade, não menciona sua história, nem ao menos retrata seu sofrimento, sua condição, seus anseios e ideais, servindo apenas de produto para o mercado. Hoje, verificamos que pouquíssimos cantores evangélicos despertaram para uma musicalidade mais afrobrasileira; seja pela utilização de instrumentos característicos, ou pela influência rítmica, ou mesmo por composições que dizem respeito à identidade cultural africana, ampliando e resgatando algumas das infinitas formas de adorar a Deus e rompendo a barreira dos preconceitos culturais. Entre estes artistas, podemos citar João Alexandre, Carlinhos Veiga, Márcio Cardoso e Glauber Placa; este último, contemplando em seu repertório, no CD *Outras Praias*, músicas de matriz africana, como por exemplo, *Tatana Biso*<sup>23</sup>:

Tata eh biso bana bayo (Pai nosso, somos teus filhos)  
 Toko béléla (Nós te rogamos)  
 Yoka biso mawa (Tem piedade de nós)  
 Tata na biso eh, Yoka biso mawa (Pai nosso, tem piedade de nós)  
 Biso bana bayo (Somos teus filhos)  
 To beleli yo (Te imploramos)  
 Tata na biso eh, Yoka biso mawa (Pai nosso, tem piedade de nós)  
 Todo béléla yo, mabolongo na se (Te suplicamos, de joelhos dobrados)  
 Yesu bolingo na ngai (Jesus amor de minha vida)  
 Tata eh, biso ba ndimi (Pai nosso, somos teus filhos)  
 Toko béléla (Nós te rogamos)  
 Yoka biso mawa (Tem piedade de nós)<sup>24</sup>

Nesta música, Jesus Cristo aparece como figura central, objeto de atenção, respeito e adoração, um *kairos*<sup>25</sup> na história dos negros, um Deus conosco, solidário com a luta, com a dor, com a vida; um Deus negro.

<sup>22</sup> PINHEIRO, 1998, p. 4.

<sup>23</sup> *Pai Nosso*. Canto africano de autor desconhecido, originário da República do Congo, na África Central. É cantado pelo povo nas ruas e nas igrejas com danças e roupas coloridas, de maneira espontânea conforme os costumes locais.

<sup>24</sup> PLACA, Glauber. *Outras Praias*. São Paulo: Glauber Placa, 2008, CD, faixa 9.

Em Jesus, podemos contemplar todas as possibilidades experienciais da história do negro; dores e alívio, perseguição e libertação. Na bíblia, a imagem do *Servo sofredor*<sup>26</sup> sempre vem associada à imagem do libertador. Desta forma, para os negros afrobrasileiros, Cristo não está distante, e sua mensagem ganha mais sentido e vigor; é símbolo contra o sofrimento e sinal de libertação.

## A liturgia

O Candomblé<sup>27</sup> foi a religião trazida pelos escravos para o Brasil. De teologia essencialmente africana, ela mantém o culto aos orixás,<sup>28</sup> exercendo também um papel social de identidade para as comunidades negras no Brasil. É uma expressão rica em suas celebrações e crenças.

Dentro da liturgia do candomblé, que significa raio de luz, uma pessoa fica numa tenda completamente vedada de iluminação até que a porta desta se abre e entra a luz – que é o Candomblé propriamente dito – e a pessoa sai então iluminada. Esse rito significa que o ser humano nasceu para a luz. O candomblé ainda hoje conserva muitos símbolos africanos, tradições, e muitos elementos da cultura africana. Sobre a importância do candomblé para o povo negro à época da escravidão, Manzatto nos explica:

Historicamente, o candomblé transformou-se em um lugar de resistência dos negros escravizados e explorados frente à sociedade que os dominava; trata-se, pois, de um culto que ajuda o povo negro e escravo a afirmar-se em sua dignidade humana e a buscar libertação; nesse sentido, ele não se opõe ao evangelho de Jesus, embora possam existir outros pontos sobre os quais o candomblé e o cristianismo tenham posições diferentes ou mesmo divergentes.<sup>29</sup>

Contudo, apesar da riqueza que esta religião de origem africana representa, percebemos que ainda hoje existe muita discriminação da sociedade de um modo

<sup>25</sup> Para Tillich, o *kairos* é o tempo plenificado, o momento do tempo no qual a eternidade irrompe. O eterno é o que irrompe, mas nunca pode ser apreendido ou objetivado. O *kairos* designa o momento, no qual o eterno penetra o tempo, enquanto o tempo se prepara a receber o eterno. (HIGUET, Etienne A. Jesus Cristo, símbolo de Kairos no pensamento de Paul Tillich e nos cultos afro-brasileiros. *Revista Eletrônica Correlatio*, São Paulo: Sociedade Paul Tillich do Brasil e do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo, n. 07, maio 2005. p.1)

<sup>26</sup> Is. 42:1-9; 49:1-6; 50:4-11; 52:13 – 53:12; Mt. 12:17-21; Mc. 10:45.

<sup>27</sup> Para uma visão mais geral sobre o candomblé, seus ritos e símbolos, veja por exemplo: BASTIDE, Roger. *As religiões africanas no Brasil*. São Paulo: Pioneira Editora/Edusp, 1971; uma visão mais teológica do candomblé pode ser encontrada em CINTRA, Raimundo. *Candomblé e umbanda: o desafio brasileiro*. São Paulo: Paulinas, 1985; e em REHBEIN, Franziska C. *Candomblé e salvação: A salvação na religião nagô à luz da teologia cristã*. São Paulo: Loyola, 1985.

<sup>28</sup> *Orixá* quer dizer “Coroa Iluminada”; “Espírito de Luz”.

<sup>29</sup> MANZATTO, 1994, p. 284.

geral. Muitos membros do candomblé não declaram isso publicamente dizendo-se frequentador de outras religiões, tais como a católica ou evangélica. Muitos são ainda os que vêem a religião afrobrasileira como folclore, ou ainda superstição, quando não, algo ligado ao culto de demônios.

O espaço litúrgico, no entanto, deve ser o espaço onde a comunidade ouve o que Deus tem a falar, é o espaço onde se dá o encontro com o transcendente; logo, este espaço deve gerar alegria, prazer, aconchego e, acima de tudo, liberdade de expressar-se através de costumes e cultura, tudo o que há de melhor nos ritos e símbolos; é o local da fraternidade por excelência.

O que vemos em nossos cultos é que, quando negros adentram no espaço litúrgico seja ele católico, ou evangélico, ele é embranquecido e dominado culturalmente. Isso fica claro pela ausência de traços afros na liturgia dessas denominações que adotam ainda hoje, os moldes culturais europeu e norte-americano. Um negro fiel não pode se reconhecer numa prática litúrgica que não assimila nada da sua cultura. Uma liturgia verticalizada e excessivamente racionalizada de matriz europeia, ou norte-americana, não lhe diz nada a respeito às suas dores, seu cativo, suas lutas e resistência. Uma liturgia euro-estadunidense – do branco opressor – é a própria condenação, discriminação e domesticação do negro.

Uma liturgia para o negro oportuniza-lhe um espaço de integração, reconciliação e harmonização, como acontece no terreiro de culto africano, espaço por excelência onde todas as pessoas, homens e mulheres, brancos, negros e amarelos, meninos e velhos, se reúnem em contato direto com a natureza, reconciliando-se com o Criador. São celebrações espontâneas, que fogem da rigidez e simetria dos cultos tradicionais; não são livrescas, mas oral, sem explicações excessivas; ao som do atabaque, que para cultura negra é um instrumento sagrado, e com muita dança.

Propomos uma liturgia negra que vá além do instrumental – o que seria simples expressão folclórica – que assuma, de fato, os elementos culturais negros, alicerçada na vitória de Cristo, antecipando as alegrias da libertação.

### **Fundamentação bíblica**

Não encontramos na Bíblia, tanto no Antigo como no Novo Testamento, Deus preferindo uma determinada raça ou etnia em detrimento de outra. Contudo, o cristianismo assimilou uma ideologia racista – negro como escravo do branco – do Império Romano, incorporando esse racismo à sua teologia; este pensamento era defendido inclusive por alguns pais da Igreja.

Ambrósio já dizia que “os escravos provêm do pecado como Cam, o filho de Noé, o primeiro que por culpa própria recebeu o nome de escravo”.<sup>30</sup> “A cor dos etíopes significa as trevas da alma e sua hediondez que se volta contra a luz, deixa envolver por escuridão, é mais parecida à noite do que ao dia”;<sup>31</sup> Agostinho de Hipona afirmava ainda que “esse nome (escravo) provém da culpa, não da natureza”;<sup>32</sup> Orígenes ainda diz que, “se negro é associado ao pecado, constitui uma espécie de estado de pecado permanente, que afeta os que vivem além do rio Etíope, que foi atingido por excessivos pecados e malícias, e resultaram escuros”.<sup>33</sup>

A escravidão dos negros foi justificada, utilizando o Antigo Testamento, como uma espécie de maldição divina de trabalhar “com o suor do teu rosto” (Gn. 3:19). Desta forma, os africanos seriam descendentes de Caim (irmão de Abel), ou então de Cam, amaldiçoado por ter descoberto a nudez do pai, Noé (Gn. 9:25-27). No Novo Testamento, outras passagens foram utilizadas para ensinar os escravos a obedecerem aos patrões (Cl. 3:22-24; Ef. 6:5-9; 1Pe. 2:18-21). “Felizes os servos que o patrão encontrar vigiando” (Lc. 12:37). “Carreguem os fardos uns dos outros” (Gl. 6:2). Neste sentido, seria um ato de caridade cristã comprar a liberdade dos negros.

Entretanto, o que realmente vemos nos registros bíblicos é que desde o início das comunidades cristãs os africanos têm forte participação, como podemos ver, por exemplo, Simão de Cirene, o primeiro discípulo a carregar a cruz após Jesus (Mc. 15:21), nome etíope descrito por Lucas (At. 8:26-40), que marca a entrada do primeiro africano negro na Igreja, confirmando, assim, que os negros estiveram presentes nas origens da Igreja antes dos europeus e nos integrantes africanos na comunidade de Antioquia (At. 11:20 e 13:1). Ainda podemos citar a carta de Paulo à Filemon, como um dos escritos mais belos sobre a libertação dos escravos. Entretanto, a maioria dos negros nem imaginam que a sua presença na igreja é mais antiga do que a própria missão de Paulo à Europa, achando que sua participação é recente.<sup>34</sup>

Percebemos então que a Bíblia não é um livro de um determinado povo, ou raça, ela destaca a presença de várias etnias, inclusive os negros em suas narrativas, seus costumes, cultura e maneira de cultivar a Deus fazendo valer o texto do apóstolo Paulo em Gl. 3:28: “Desse modo não há diferença entre judeus e não judeus, entre escravos e livres, entre homens e mulheres: todos vocês são um só por estarem unidos com Cristo”. A Bíblia propõe, então, um cristianismo:

<sup>30</sup> MIGNE apud HOORNAERT, Eduardo. Uma guerra sem trégua: a guerra cultural contra o negro. *Revista de Liturgia*. São Paulo, n. 66. p.16-17, nov.-dez. 1984.

<sup>31</sup> MIGNE apud HOORNAERT, 1984, p.16-17.

<sup>32</sup> AGOSTINHO apud HOORNAERT, 1984, p.16-17.

<sup>33</sup> MIGNE apud HOORNAERT, 1984, p. 16-17

<sup>34</sup> COMBLIN, José. O Batismo do ministro da rainha da Etiópia. Negro e a Bíblia. *Estudos Bíblicos*. Petrópolis, n. 17, p. 63 – 68, 1988.

[...] acolhedor das outras religiões do mundo, e não uma ameaça. Deveríamos ser vistos como um protetor de suas heranças, um defensor de inimigos comuns, não um dos inimigos. Assim como Jesus veio originalmente não para destruir a lei, mas para cumpri-la, não para condenar as pessoas, mas para salvá-las, creio que ele vem hoje não para destruir ou condenar coisa alguma (nada, exceto o mal), mas para redimir e salvar todas as coisas que podem ser redimidas e salvas.<sup>35</sup>

Nos nossos dias, muitos têm se mobilizado para mudar o quadro teológico quanto ao afrodescendente. Muitos esforços estão sendo feitos para que uma teologia do negro seja elaborada e assimilada. A Associação Ecumênica de Teólogos do Terceiro Mundo, por exemplo, em sua consulta sobre Cultura negra e teologia na América Latina pediu um “enegrecimento do teólogo”, ou seja, que as lutas de resistência sejam levadas em consideração, o passado cultural, as práticas religiosas e outros aspectos de tradição africana.<sup>36</sup>

A Segunda consulta ecumênica de teologia e culturas afro-americana-caribenha, em novembro de 1994, realizada em São Paulo, elaborou um texto sobre Bíblia e comunidades negras, formulando alguns pressupostos para uma hermenêutica negra:

A bíblia relata a manifestação de Deus como libertador na cotidianidade dos oprimidos e oprimidas, sem se importar com sua etnia, mas sim com sua situação existencial de opressão e exclusão. É um Deus que escuta e atua junto delas e deles na transformação da história (Ex 3,7-10) e não está de acordo com sua marginalização e exclusão.<sup>37</sup>

Um dos motivos que gerou grande resistência para com as culturas africanas no Brasil foi o processo de aculturação, por meio do qual os símbolos cristãos foram absorvidos pela religiosidade negra, resultando no sincretismo da religião afrobrasileira que conhecemos hoje.

Infelizmente, nas igrejas pentecostais ainda não existe nenhum trabalho oficializado com relação ao negro. Existem algumas manifestações de pessoas e organizações oriundas dessas igrejas, mas sem nenhum vínculo com as denominações ou oficialização por suas lideranças. É um dado lastimável, uma vez que é nas igrejas pentecostais que se encontra a maior parcela de afrodescendentes, não por que esse segmento optou pelo negro, mais pelo negro ter optado pelo pentecostalismo e por, paradoxalmente, este ter se identificado melhor com essas denominações.

<sup>35</sup> MCLAREN, 2007, p. 281.

<sup>36</sup> ASETT - Associação Ecumênica de Teólogos do Terceiro Mundo. *Identidade negra e religião - Consulta sobre cultura negra e teologia na América Latina*. Centro Ecumênico de Documentação e Informação (CEDI)/Edições Liberdade: Rio de Janeiro, 1986.

<sup>37</sup> ANDRADE [et al], 1994, p. 2.

Precisamos, urgentemente, de uma leitura bíblica que devolva a cidadania à cultura negra afrodescendente e uma teologia que reflita “criticamente sobre os fundamentos e a coerência interna de sua própria tradição de fé”.<sup>38</sup> Para isso, devemos eliminar de uma vez por todas qualquer leitura que condene a população negra à escravidão e fazer uma leitura bíblica que afirme a igualdade de todas as raças e etnias, logo, contra a escravidão de qualquer indivíduo ou grupo étnico.

Este é o momento do negro descobrir e assumir sua negritude e, assim, possuir uma nova postura diante de si, da vida e da sociedade refletindo numa fé revolucionária e transformadora. Possuindo uma releitura bíblica, que percebe a proposta de Deus para a humanidade, onde os negros estão incluídos, poderemos ver Deus, no rosto negro cheio de esperança, esperança de libertação.<sup>39</sup>

Sendo assim, uma teologia do negro se preocupa com o resgate de sua dignidade, criada à imagem e semelhança de Deus. Para tal, é imprescindível que conheçamos a sua história, anseios, dores, sofrimentos, alegrias e esperanças.<sup>40</sup> Somente desta forma poderemos vivenciar a experiência de Deus sob o olhar de quem foi e é marginalizado, e descobrir através dos seus símbolos e cultura o Deus que é contra toda injustiça e opressão e que é Deus de justiça, igualdade e liberdade.

### Considerações Finais

Concluimos que a nação brasileira é uma nação mestiça e sincrética em suas práticas religiosas, uma nação multicolor que possui um pouco de cada uma das civilizações que por aqui chegaram e que o evangelho pode ser propagado sem descaracterizar a cultura das etnias, povos e raças aqui existentes, pois o evangelho de Jesus não se opõe a nenhuma cultura, mas reconhece e respeita as diferenças culturais, ressaltando-as, como prova da diversidade, da sabedoria e da criatividade de Deus na Criação.

Concluimos, também, que as igrejas de tradição protestante evangélica, tanto históricas quanto pentecostais, contribuíram para que a situação de discriminação e marginalização dos negros no Brasil fossem por tanto tempo perpetuadas e que temos uma dívida a pagar. Uma das maneiras de pagarmos essa dívida é propormos uma liturgia de afirmação às raízes étnicas e culturais afrodescendentes, com o intuito de fazer valer o respeito cultural tão fundamental para a construção de uma sociedade igualitária, livre e democrática. A inculturação é um grande passo para isso, uma vez que propõe a reinterpretção dos conteúdos bíblicos, e uma refundição na cultura afrodescendente, nos desafiando a estarmos

<sup>38</sup> SOARES, Afonso M. L. *No espírito do Abbá: fé, revelação e vivências plurais*. São Paulo: Paulinas, 2008. p. 34

<sup>39</sup> SANT'ANA, Antonio Olímpio de. *O Negro Latino-Americano*. Rio de Janeiro: Tempo e Presença, 1989.

<sup>40</sup> ROCHA, José Geraldo da. *Teologia e negritude: um estudo sobre os agentes de pastoral negros*. Porto Alegre, Palloti, 1998.

abertos a novos e inusitados dinamismos hermenêuticos. No campo da reflexão sobre inculturação, a grande proposta está na prática do diálogo entre as diversas religiões, inclusive com a de matriz afrobrasileira.

Somente desta forma poderemos propor uma liturgia e uma teologia do negro, preocupada com o resgate de sua dignidade e cidadania, criado à imagem e semelhança de Deus, para que possamos declarar que Deus é contra toda injustiça e opressão e anseia por justiça, igualdade e liberdade.

Terminamos apresentando o clamor da negritude brasileira, poeticamente descrito por Leonardo Boff em seu *Lamento de Cativo e Libertação*; que nos sintamos desafiados a promover uma sociedade onde o Reino de Deus seja experimentado por todos assim como Ele deseja.

*Meu irmão branco;  
Minha irmã branca;  
Meu povo! Que te fiz eu?  
E em que te contristei? Responde-me!*

Eu te mostrei o que significa ser templo de Deus. E, por isso, como sentir Deus no corpo e celebrá-lo no ritmo, na gíngua e na dança. E tu reprimiste minhas religiões afro-brasileiras. E fizeste da macumba caso de polícia.

Eu te inspirei a música carregada de banzo e o ritmo contagiante. Eu te ensinei como usar o bumbo, a cuíca e o atabaque. Fui eu que te dei o samba e o rock. E tu tomaste do que era meu, fizeste nome e renome, acumulaste dinheiro com tuas composições e nada me devolveste.

*Meu irmão branco;  
Minha irmã branca;  
Meu povo! Que te fiz eu?  
E em que te contristei? Responde-me!*

Eu desci dos morros, te mostrei um mundo de sonhos, de uma fraternidade sem barreiras. Eu criei mil fantasias multicores e te preparei a maior festa do mundo, dancei o carnaval para ti. E tu te alegraste e me aplaudiste de pé. Mas logo, logo, me esqueceste na favela, na realidade nua e crua da fome, do desemprego e da opressão.

Eu te dei em herança o prato do dia-a-dia, o feijão e o arroz. Dos restos que recebia fiz a feijoada, o vatapá, o efó e o acarajé, a cozinha típica do Brasil. E tu me deixaste passar fome. E permites que minhas crianças morram antes do tempo ou que seus cérebros sejam irremediavelmente afetados, imbecilizados para sempre.

*Meu irmão branco;  
Minha irmã branca;  
Meu povo! Que te fiz eu?*

*E em que te contristei? Responde-me!*

Eu fui arrancado violentamente da minha PÁTRIA AFRICANA. Eu conheci o navio fantasma dos negreiros. Eu fui muita coisa, peça, escravo. Eu fui a mãe-preta para teus filhos. Eu cultivei os campos, plantei fumo e a cana. Eu fiz todos os trabalhos. E tu me chamas de preguiçoso, me prendes por vadiagem. Por causa da cor da minha pele me discriminas e me trata ainda como escravo.

Eu soube resistir, consegui fugir e fundar quilombos, sociedades fraternas, sem escravos, de homens e mulheres livres. Eu transmiti, apesar do açoite em minhas costas, a cordialidade e a doçura à alma brasileira. E tu me caçaste como bicho, arrasaste meu quilombo e ainda hoje impedes que a abolição seja para sempre verdadeira.

*Meu irmão branco;  
Minha irmã branca;  
Meu povo! Que te fiz eu?  
E em que te contristei? Responde-me!*<sup>41</sup>

## Referências

ANDRADE, Ezequiel Luiz de; ANUNCIACÃO, Damásio Rodrigues da; GAMA, Wilmar Varjão; LOZANO LERMA, Betty Ruth; OLIVEIRA, Gildo Lyone e VENTURA, María Cristina. *Bíblia y comunidades negras*. Segunda consulta ecuménica de teología y culturas afroamericana-caribeña. São Paulo, 1994.

ARRUPE, Pedro. *Ecrits pour évangéliser*. Paris, França: DDB, 1985.

ASETT - Associação Ecumênica de Teólogos do Terceiro Mundo. *Identidade negra e religião - Consulta sobre cultura negra e teologia na América Latina*. Centro Ecumênico de Documentação e Informação (CEDI)/Edições Liberdade: Rio de Janeiro, 1986.

BASTIDE, Roger. *As religiões africanas no Brasil*. São Paulo: Pioneira Editora/Edusp, 1971.

BELLO, Angela Ales. *Cultura e religiões: uma leitura fenomenológica*. Bauru: EDUSC, 1998.

BOFF, Leonardo. *O caminhar da igreja com os oprimidos: do vale de lágrimas rumo à Terra Prometida*. 3. ed. São Paulo: Vozes, 1988.

CINTRA, Raimundo. *Candomblé e umbanda: o desafio brasileiro*. São Paulo: Paulinas, 1985.

---

<sup>41</sup> BOFF, Leonardo. *O caminhar da igreja com os oprimidos: do vale de lágrimas rumo à Terra Prometida*. 3. ed. São Paulo: Vozes, 1988. p. 11 e 12.

- COMBLIN, José. O Batismo do ministro da rainha da Etiópia. Negro e a Bíblia. *Estudos Bíblicos*. Petrópolis, n. 17, p. 63-68, 1988.
- HIGUET, Etienne A. Jesus Cristo, símbolo de Kairos no pensamento de Paul Tillich e nos cultos afro-brasileiros. *Revista Eletrônica Correlatio*, São Paulo: Sociedade Paul Tillich do Brasil e do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo, n. 07, maio 2005. p. 60-76.
- HOORNAERT, Eduardo. Uma guerra sem trégua: a guerra cultural contra o negro. *Revista de Liturgia*. São Paulo, n. 66. p.16-17, nov.-dez. 1984.
- LATORRE, Daniel. História da Música Gospel. *Palco Gospel*, ano 1, n.5, 2005. Disponível em: <<http://www.hammond.com.br/latorre/artigos/gospel/gospel.htm>>. Acesso em: 15 maio 2009.
- MANZATTO, Antonio. *Teologia e literatura: reflexão teológica a partir da antropologia contida nos romances de Jorge Amado*. São Paulo: Edições Loyola, 1994.
- MCLAREN, Brian D. *A mensagem secreta de Jesus: desvendando a verdade que poderia mudar tudo*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2007a.
- \_\_\_\_\_. *Uma ortodoxia generosa: a Igreja em tempos de pós-modernidade*. Brasília: Palavra, 2007b.
- MIRANDA, Mário de França. Inculturação da fé e sincretismo religioso. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, v. 60, fasc. 238, 2000. p. 275-293.
- MOLTMANN, Jürgen. *Vida Esperança e Justiça: um testamento teológico para a América Latina*. São Bernardo do Campo: EDITEO, 2008.
- OLIVEIRA, Marco Davi de. *A religião mais negra do Brasil*. São Paulo: Mundo Cristão, 2004.
- PINHEIRO, Marcia Leitão. *O proselitismo evangélico: musicalidade e imagem*. In: VIII JORNADAS SOBRE ALTERNATIVAS RELIGIOSAS NA AMÉRICA LATINA. São Paulo, 1998. p. 1-13. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/sociologia/posgraduacao/jornadas/papers/>> Acesso em: 12 ago 2011.
- PLAÇA, Glauber. *Outras Praias*. São Paulo: Glauber Placa, 2008, CD, faixa 9.
- REHBEIN, Franziska C. *Candomblé e salvação: A salvação na religião nagô à luz da teologia cristã*. São Paulo: Loyola, 1985.
- REVISTA AVENTURAS NA HISTÓRIA. *Povo marcado*. São Paulo: Abril, n. 70, maio 2009.

ROCHA, José Geraldo da. *Teologia & negritude: um estudo sobre os agentes de pastoral negros*. Porto Alegre, Palloti, 1998.

SANT'ANA, Antonio Olímpio de. *O Negro Latino-Americano*. Rio de Janeiro: Tempo e Presença, 1989.

SILVA, Hélio de M. *Eze 28:13 não justifica tambores na Igreja Neo-Testamentária*.

Disponível em: <[http://solascriptura-](http://solascriptura-tt.org/LiturgiaMusicaLouvorCulto/Eze28.13NaoJustificaTamboresESaxJazzNaIgreja-Helio.htm)

[tt.org/LiturgiaMusicaLouvorCulto/Eze28.13Nao](http://solascriptura-tt.org/LiturgiaMusicaLouvorCulto/Eze28.13NaoJustificaTamboresESaxJazzNaIgreja-Helio.htm)

[JustificaTamboresESaxJazzNaIgreja-Helio.htm](http://solascriptura-tt.org/LiturgiaMusicaLouvorCulto/Eze28.13NaoJustificaTamboresESaxJazzNaIgreja-Helio.htm)>. Acesso em: 15 maio 2009.

SOARES, Afonso M. L. *No espírito do Abbá: fé, revelação e vivências plurais*. São Paulo: Paulinas, 2008.

[recebido em: abril de 2011,  
aceito em: julho de 2011]

## **Implementando as políticas de ações afirmativas no espaço evangélico: o início de um diálogo**

### **Resumo**

A cultura africana presente no Brasil nos deixou um legado sagrado, onde encontramos vários tipos de manifestações religiosas de rico valor cultural. O protestantismo que chega ao Brasil, por sua vez, é tipicamente europeu e norte-americano, logo, com sérias dificuldades de manter um relacionamento cultural com o povo brasileiro. Com um discurso de que “somos todos iguais em Cristo”, somos levados a não refletir sobre as questões de raça e etnia nos espaços religiosos. As igrejas evangélicas, na grande maioria das vezes, pregam de maneira oculta o que chamamos de “racismo institucional”. Percebe-se então a necessidade de inculturação na liturgia evangélica atual, onde haja espaço concreto para um diálogo entre cultura herdada pelos protestantes europeus e norte-americanos e a cultura afrodescendente, tão marginalizada.

### **Palavras-chave:**

Inculturação. Racismo institucional. Protestantismo. Afrodescendente.

## **Implementing the policies of affirmative action in evangelical spaces: the beginning of a dialogue**

### **Abstract**

The present African culture in Brazil left us a sacred trust, in which we find many kinds of religious rich cultural value. Protestantism arriving in Brazil, in turn, is typically European and American, so serious difficulties in maintaining a cultural relationship with the Brazilian people. With a speech that “we are all equal in Christ”, we are led to not focus on issues of race and ethnicity in religious spaces. Evangelical churches, in most cases, preach in a hidden way what we call “institutional racism”. Therefore, it becomes the need for inculturation of the Gospel in the liturgy today, where there is space for a concrete dialogue between Protestant culture inherited by Europeans and North Americans of African descent and culture, so marginalized.

### **Keywords:**

Inculturation. Institutional racism. Protestantism. African descent.